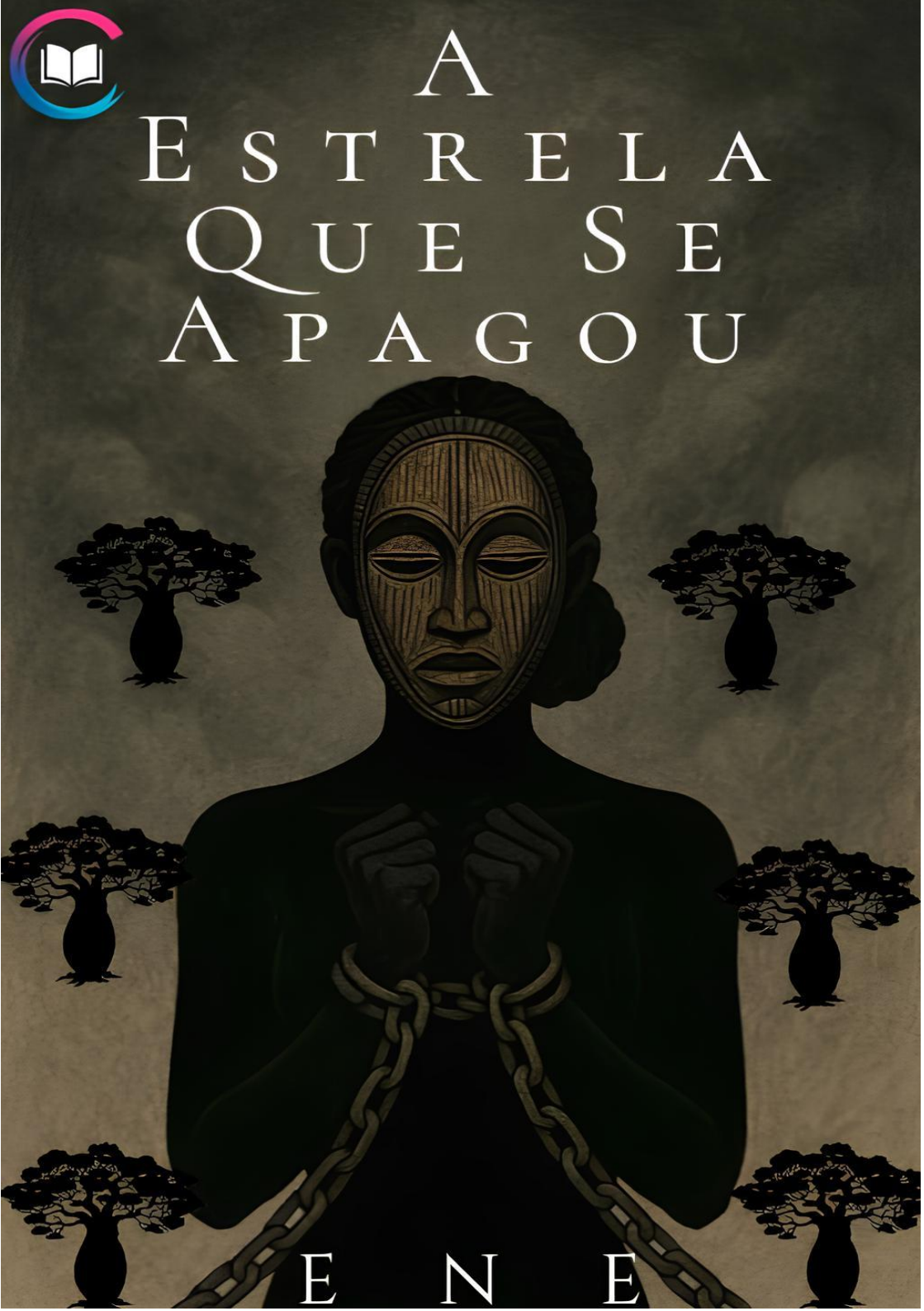
A Estrela Que Se Apagou



E N E

Título original em português:

A Estrela Que Se Apagou
Direitos de publicação em língua portuguesa reservado à Editora Chivinga

Coordenação Editorial: Catarina Tchisssingui
Revisão: Matias Capitão
Capa: Jenilson Manuel Chivinga

Publicado em Angola
1ª Edição
2025

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução total ou parcial,
por quaisquer meios, sejam impressos, eletrônico, fotográficos ou
sonoros, entre outros, sem prévia autorização do escritor.

A Estrela Que Se Apagou

ENE

“O peso das tradições nos impede de caminhar com as próprias pernas.”
Bernardo Soares.

Dedico

A todos os meus os incentivadores, vocês que acreditaram em mim depois mesmo que eu acreditasse.

Em especial, à Lix e a Luck, pela força, escuta e presença.

E com carinho profundo aos fãs de Lucas Cassule, que continuam a se apaixonar pelos contos que nos revelam, que resgatam e reagem a nossa cultura, levando Angola para o mundo com orgulho.

Que nunca deixemos de nos embaraçar nas raízes que nos formam, e de florescer com elas.

Agradeço

À minha família, por ser abrigo, força e origem.

A todos os leitores que dedicaram o seu tempo, a sua atenção e os seus sentimentos a estas palavras: vocês são a razão do caminho continuar.

Que cada página lida seja uma ponte entre a nossa história e o nosso futuro.

Obrigada por acreditarem em mim, e por darem vida a cada palavra com os vossos olhos.

Nota da Autora

“A Estrela que se Apagou” é uma obra inspirada no conto Efiko, de Lucas Cassule.

Este texto não é uma continuação oficial, mas sim um final alternativo, um eco que ressoa das palavras de Estrela e da sua travessia pelo ritual de passagem. Enquanto Efiko nos apresenta a beleza e os desafios da tradição, este desfecho propõe uma reflexão profunda sobre as consequências silenciosas de quem aceita calada o peso da cultura, mesmo quando o coração grita por liberdade.

A minha intenção, com respeito e admiração à obra original, é continuar a conversa que Lucas Cassule iniciou, mostrando que toda história pode ter mais de um fim, e que mesmo as estrelas que se apagam, deixam luz para outras brilharem

A Estrela que se Apagou

Depois da última batida do batuque, o silêncio que caiu sobre a aldeia parecia mais denso que o próprio cansaço dos nossos corpos. As palmas das minhas mãos ainda ardiam, os pés carregavam a poeira da terra, e o peito pulsava—cheio de perguntas que não sabiam como se calar. O ovindjomba silenciou, mas dentro de mim, o seu ritmo seguia firme, vibrando em segredo.

Naquela noite, já sozinha no quarto, retirei com cuidado as missangas e fiquei a observar meu reflexo num espelho pequeno e rachado. Era eu… e não era. Não sabia dizer o que havia mudado—se o rosto, o olhar, ou a maneira como agora respirava.

Dois meses após o efiko, o batuque calara-se de vez, mas os seus ecos ainda me acompanhavam. A aldeia passou a me ver com outros olhos. As mulheres mais velhas sorriam com cumplicidade. Os homens... olhavam como se eu tivesse deixado de ser menina. Mas por dentro, eu ainda caminhava ao lado da menina que fui, conversando com ela em silêncio.

Numa tarde de domingo, a notícia chegou. Minha mãe entrou em casa com um sorriso contido, os olhos faiscando e os passos ligeiros:

— Estrela... tua vida vai mudar.

— De novo, mãe? — perguntei, num meio riso.

Ela soltou aquela risada suave que só as mães sabem dar:

— Desta vez é pra valer. Os pais do Kalunga vieram cá. Ele quer pedir a tua mão.

Kalunga era o filho mais velho do soba da aldeia vizinha. Tinha vinte anos, caçava bem, dançava com graça e falava com firmeza. Para muitos, era o homem ideal. Mas para mim… era um estranho com um destino que não me servia.

— E o que disseste?

— O que qualquer mãe diria, filha. Que íamos conversar contigo. Mas sabes que isso era apenas uma formalidade. Foste preparada. Já és uma mulher.

Fiquei em silêncio. Uma frase de Welwitschia voltou à minha memória como um trovão que não assustava, mas despertava: "Quando começares a quebrar o silêncio, faz isso com sabedoria."

Naquela noite, caminhei sozinha até à mangueira, o mesmo lugar onde, durante o efiko, os homens celebraram com canecas erguidas e promessas

lançadas ao vento. Sentei-me na raiz mais larga. E ali, em silêncio, deixei que as lágrimas corressem.

No dia seguinte, vesti o pano mais bonito. Prendi missangas aos tornozelos, amarrei o cabelo como me ensinaram. Do lado de fora, eu era tudo o que esperavam. Mas por dentro… carregava o peso de uma decisão que não cabia em trajes cerimoniais.

Recebi Kalunga e os pais com um sorriso educado. Sentei-me entre minha mãe e meu pai.

Kalunga falou. Disse que me observava desde a dança do ovindjomba, que sonhava comigo. Que queria fazer de mim a mãe dos seus filhos.

Todos esperavam minha resposta. Olhei para o chão. Depois, para minha mãe. Ela assentiu em silêncio, com um leve aceno, como quem diz: "É isso que tens de fazer."

Levantei-me.

— Kalunga, agradeço tua intenção. És um homem digno e honrado. Mas os meus sonhos… ainda não cabem na tua casa. Quero estudar. Quero descobrir o mundo além das fronteiras da aldeia. Quero ser mulher, sim, mas à minha maneira.

Houve um silêncio espesso, um murmúrio desconfortável entre os mais velhos. Minha mãe cambaleou, quase desmaiando. Kalunga levantou-

se, e me fitou, com um olhar que eu não consegui identificar, se era raiva, ou admiração e simplesmente saiu.

O silêncio dentro da casa era mais espesso que o pano vermelho que cobria o altar dos ancestrais. Os olhos da minha mãe já não me buscavam com ternura, mas com uma resignação fria—como quem contempla algo sagrado que se quebrou para nunca mais ser reparado.

Desde o dia em que recusei o pedido de Kalunga, três dias se passaram sem que uma única palavra inteira me fosse dirigida. A aldeia, antes calorosa e viva, tornara-se uma concha vazia. Os vizinhos desviavam o olhar. As crianças, que antes corriam até mim com cânticos e gargalhadas, agora mantinham distância. Eu havia violado uma regra invisível—não com um grito, mas com o simples gesto de escolher.

Na terceira noite, sentei-me diante do espelho rachado. Encarei a menina do outro lado.

— Este é o teu destino? — sussurrei.

Ela não respondeu.

Vesti então o pano branco. Em silêncio, aceitei.

Na manhã do quarto dia, o soba mandou chamar meus pais. A notícia espalhou-se como água em

solo seco: Kalunga havia recuado. Disse que não queria casar-se com uma menina rebelde. Que eu falava demais para quem mal saíra do efiko. Que tipo de mulher era essa, capaz de contrariar um homem diante dos mais velhos?

Alguns diziam que eu era corajosa. Outros, que eu era louca.

Naquela noite, minha mãe sentou-se à beira da minha cama. A mesma onde, meses antes, ela me acordara com um sorriso doce e me chamara de Estrela Cadente.

— Filha… já nos envergonhaste o suficiente — disse, a voz sem emoção. — Fomos chamados de volta. Ele reconsiderou. Amanhã, vais aceitar.

Não perguntei o motivo. Eu já conhecia a resposta. Ela também havia vivido aquilo. Tinha enterrado os próprios sonhos, para não ser enterrada viva na vergonha de ser rejeitada pela tradição. Tive vontade de perguntar à minha mãe se aquilo a havia tornado feliz, mas bastou olhar em seus olhos para entender: não havia espaço para felicidade onde o dever crescia como erva daninha.

Na manhã seguinte, vesti o pano branco. Caminhei até a casa do soba sem pressa—cada passo me afastava mais da menina que, sob a mangueira, sonhava ser livre. Os olhos de Kalunga cruzaram os

meus e ele sorriu. Não era o sorriso de quem ama, mas de quem conquista. Como quem finca bandeira num território recém-dominado.

O casamento foi simples, uma semana depois. As mulheres dançaram. Os homens brindaram. O batuque anunciou a consumação de uma nova união. E eu… sorri. Sorri nas fotos, sorri nos abraços. Sorri mesmo quando, à noite, me despiram como quem abre um presente selado. Me tornei mulher aos olhos da tradição. Mas por dentro, algo em mim morreu. Não chorei. Nem as lágrimas eram permitidas.

Os anos passaram como folhas ao vento—rápidos, cinzentos, indistintos. Tornei-me esposa. Mãe. Cuidei da casa, da lavra, dos filhos. Nunca mais dancei o ovindjomba como naquela última noite. Mas toda vez que, ao longe, eu ouvia o batuque, meu peito estremecia como se chamassem por mim de uma vida que já não existia.

Kalunga não era cruel. Era apenas um homem educado para receber, nunca para ceder. Achava que me amava. Mas seu amor era uma coleira. Dizia que me protegia. Que só queria meu bem. Que eu devia ser grata. E eu era—ou pelo menos fingia ser.

Todas as noites, depois que todos dormiam, eu abria um velho caderno escondido entre minhas roupas. Nele, escrevia tudo o que não podia dizer em voz alta. Escrevia para não me perder. Para lembrar quem eu tinha sido. Para manter viva a menina que sonhava com livros e liberdade.

Quando meu filho mais velho completou oito anos, foi convidado a discursar numa cerimónia da aldeia. Perguntaram-lhe o que queria ser quando crescesse…

— Quero ser escritor. Como a minha mãe, — respondeu com orgulho.

Os mais velhos riram, mas olharam-me com uma seriedade pesada. Como se o menino tivesse revelado um segredo obsceno.

Naquela noite, Kalunga perguntou:

— Tu andas a escrever? A encher a cabeça das crianças com ideias de cidade?

— Não. Só rascunhos. Só para mim.

Ele não respondeu. Mas, no dia seguinte, meu caderno já não estava. Rasgado. Queimado. Sumido.

Como se, destruindo palavras, pudesse apagar o que eu ainda era por dentro.

Mais anos passaram como o vento da savana — constantes, secos, ininterruptos. Dei filhos a Kalunga. Cumpri meus deveres. As rugas chegaram antes dos quarenta. A juventude ficou para trás como as danças da infância. Welwitschia partiu sem que eu pudesse dizer adeus. Chorei por ela. E por mim.

Num domingo de feira na vila, encontrei uma jovem com tranças coloridas vendendo livros numa pequena banca. Aproximei-me. Li os títulos. Reconheci nomes. Ela falava de cada história como se fosse semente.

— Também escreves? — perguntei.

— Sim. Escrevo sobre as mulheres da minha aldeia. Sobre as que fugiram… e as que ficaram.

Essas palavras caíram sobre mim como chuva depois de uma longa seca.

— Posso deixar uma história contigo?

Ela sorriu:

— Claro. Toda história merece ser contada.

Naquela noite, reescrevi tudo de memória. Comecei do princípio:

Da noite do efiko, do cabrito, do frio.

Da minha mãe me chamando Estrela Cadente.

Escrevi com raiva. Com dor. Com saudade.

Mas escrevi. Uma semana depois, entreguei as folhas dobradas, simples, com a letra que ainda resistia à idade.

Ela leu ali mesmo. Chorou.

Depois, olhou para mim com olhos que diziam: obrigada por não teres desistido de ti completamente.

Hoje, já velha, sento-me à sombra da mangueira que ainda vive no quintal da casa onde cresci.

Meus netos correm ao redor. A aldeia mudou pouco, mas mudou. Agora há meninas que estudam. Mulheres que falam nos conselhos. Livros nas escolas.

Souberam-me, um dia desses, que o meu conto circula nas feiras da cidade com o título: ”A Estrela que se Apagou.”

Ri. Ri com o coração doído, mas grato.

Porque talvez, ao contar a minha história, eu tenha acendido a luz de outra menina. E isso, por si só, já vale mais que todos os bois do efiko.

Não fui livre como sonhei. Mas também não fui totalmente cativa.

Minha rebeldia sobreviveu nos cantos pequenos, nos gestos mínimos, nas palavras escondidas. E se hoje eu pudesse voltar ao dia do pedido, talvez ainda aceitasse. Mas aceitaria diferente.

Com olhos abertos, com voz firme, com a caneta pronta para escrever tudo o que viria depois. Porque às vezes… Ser mulher dentro da tradição é como dançar com correntes nos pés. Mas, se conseguirmos marcar o ritmo — mesmo acorrentadas — talvez, só talvez, Nossas filhas dancem livres.

O FIM

AUTORA

Ene, é uma escritora nascida aos 14 de junho, Luanda, Angola.

Desde adolescência, demonstrou interesse por escrever pequenas histórias que surgiam em sua mente para se distrair, daí nunca mais parou; ao longo dos anos, continuou desenvolver suas habilidades literárias à perspectiva de crescer mais como escritora.

Concluiu o ensino primário na Escola Santa Teresa em 2016, iniciou o ensino médio em 2017, e terminou sua formação em 2019 no colégio Futuro Aberto, Ciências Físicas e Biológicas.

Decidiu aventurar-se postando histórias no Facebook ao conhecer o chat “Super Escritoras” em 2021, quando teve oportunidade de conhecer também escritoras talentosas e incríveis, uma delas é sua amiga, Luquenia, que leva para a vida, pois compartilham a mesma paixão e mesmos objetivos de crescer enquanto escritoras.

Encontrou oportunidade de escrever obra mais séria na Coletânea Textual “As Letras Vivem”, juntamente com sua amiga e parceira Luquenia.

Redes Sociais:

Tik Tok

Instagram